

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
SIAMO DONNE – DIVAS DO CINEMA ITALIANO
12 de novembro de 2021

La Legge / 1959 (A Lei)

um filme de JULES DASSIN

Realização: Jules Dassin / **Argumento:** Jules Dassin (com a colaboração nos diálogos de Françoise Giraud) a partir do romance homónimo de Roger Vaillant / **Director de Fotografia:** Otello Martelli / **Música:** Roman Vlad / **Montagem:** Roger Dwyer, Mario Serandrei / **Direção Artística:** Mario Chiari / **Interpretação:** Gina Lollobrigida (Marietta), Marcello Mastroianni (Enriço, o engenheiro), Pierre Brasseur (Don Cesare), Yves Montand (Matteo Brigante), Melina Mercouri (Lucrezia), Paolo Stoppa (Tonio), Raf Mattioli (Francesco Brigante), Lidia Alfonsi (Guisèppina), Luisa Rivelli (Elvira), etc

Produção: Jacques Bar e Maleno Malenotti para a Titanus e Cité Films / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendada electronicamente em português/ **Duração:** 126 minutos/ **Estreia Mundial:** França, 25 de Janeiro de 1959 / **Estreia em Portugal:** Cinema Éden a 20 de Novembro de 1959.

Jules Dassin é um realizador com um percurso no mínimo curioso. Nascido em Nova Iorque em 1911, filho de emigrantes russos judeus, começa aí a sua carreira artística com actor em 1936, depois de ter estudado drama na Europa.

Chega a Hollywood em 1940 e, após um breve período em que foi assistente de realização, assina a sua primeira longa-metragem em 1942. Entre esse ano e 1949 dirige onze longas metragens entre as quais se destacam **Brute Force** ou **Thieves' Highway**, excelentes exemplos do *film noir* americano, tão em voga à época.

Em 1949 é denunciado perante o Comité de Actividades Anti-Americanas (ao que consta, pelo realizador Edward Dmytryk) como sendo - ou tendo sido - membro do partido comunista. Para poder continuar a fazer filmes Jules Dassin foi forçado a emigrar. Primeiro para Inglaterra, onde fez **Night and the City**. Depois de cinco anos de interregno realiza em França o célebre **Du Rififi Chez les Hommes**.

No seu filme seguinte, **Celui Qui Doit Mourrir** (1957), dirige pela primeira vez a actriz grega Melina Mercouri, com quem casaria mais tarde e que protagonizou praticamente todos os seus filmes de ficção de então para cá.

Em 1960 muda-se para a Grécia, onde ainda hoje vive. Aí realizou vários filmes, entre os quais destacamos **Pote Tin Kyariki** (Nunca ao Domingo), que ganhou a Palme de Ouro no Festival de Cannes.

Precisamente antes desse filme, Jules Dassin realizou, em 1959, **La Legge**, uma co-produção franco-italiana. É, entre todos os filmes que realizou na Europa, entre 1950 e 1965, o menos conhecido e o que mais reacções negativas suscitou.

O filme é uma adaptação do romance *La Loi* do escritor francês Roger Vaillant que tinha ganhado o prémio literário Gancourt em 1957.

Como no livro, a acção do filme passa-se numa aldeia da Itália meridional, dominada e controlada ainda por uma aristocracia descendente do Príncipe de Salina (do **Gatopardo** de Visconti, que por sinal só seria realizado quatro anos depois), onde o “povo” mais ou menos miserável se entretém com ritos (ou jogos) supostamente ancestrais, e a burguesia (patética, composta por funcionários públicos), tenta ser moderna. Para perturbar a paz centenária da aldeia piscatória, aparece um engenheiro agrónomo do Norte, que quer alterar os hábitos das gentes e a geografia da região.

O pano de fundo humano e as personagens do filme são os do livro, mas as semelhanças ficam-se (quase) por aí.

Com efeito, quando escolheu Gina Lollobrigida para interpretar Marieta (personagem secundária, que no livro teria 15 ou 16 anos), Dassin alterou por completo as prioridades e os acentos tónicos do romance. O filme, em vez de se centrar, como no livro, na reforma agrária, na saúde pública, nas relações de poder (o “jogo da lei”, que dá título ao filme) e nos conflitos entre Don Cesare e o engenheiro agrónomo – temas que apenas aflora ao de leve –, gira sobretudo (mas não só) em torno das duas personagens femininas principais, e das suas aventuras sentimentais e amorosas: Marietta / Gina Lollobrigida e Lucrezia / Melina Mercouri.

E o filme ressent-se desse compromisso; querendo ser simultaneamente uma adaptação fiel do livro (ou pelo menos ao seu espírito), e uma divagação feita a partir das duas personagens citadas, acaba por não ser nem uma coisa nem outra. E o resultado é um filme sem unidade, uma colagem porventura arbitrária de sequências, em que as personagens não interagem nem directa nem indirectamente, nem têm nem tempo nem espaço para se afirmarem enquanto tal. Os actores (mais eles que elas), tal como a própria *mise-en-scène*, parecem andar à deriva, representado cada cena como se fosse a única, não conseguindo nunca dar consistência ou verdade às personagens que interpretam.

Mas, no meio de tantos equívocos, algo se salva que, só por si, justifica a visão deste filme: Gina Lollobrigida, a diva homenageada neste ciclo.

Pelo menos três das sequências em que aparece são inesquecíveis, fazendo justiça à extraordinária força da natureza que esta actriz / diva é.

Referimo-nos à sequência inicial, com Tonio, quando engraxa a bota, a sequência em que é amarrada a mesa e chicoteada; a sequência de sedução com Brigante, em que ela o esfaqueia.

Admiremos, pois, Gina Lollobrigida – de quem alguém disse ser uma mulher-tigre, mas também uma estátua feita de carne, um monumento à feminilidade – no seu máximo esplendor em **La Legge**. Só por isso o tempo dispensado a ver este filme é bem empregue.

João Pedro Bénard